

CRIE O HÁBITO:
Tire os sapatos antes
de entrar em casa.
CUIDAR UNS DOS OUTROS.
esse é o plano.

Unimed

ANES - nº 367007



JUREMIR MACHADO DA SILVA

juremir@correiodopovo.com.br

Vai acabar?

Há frases que, mesmo sendo redundantes, dizem muito. Parece que, de repente, a linguagem diz mais com quase nada. O presidente da Coreia do Sul, Moon Jae-in, ao saber da retomada das contaminações em Seul, declarou: "Não vai acabar até realmente acabar". Os críticos viram nessa afirmação uma platidão. Os mais atentos perceberam uma confissão de desespero e de impotência. Outros, mais distanciados, saudaram o seu realismo. O vírus não vai desaparecer de um minuto para outro. Se não for combatido com vacina ou remédios, permanecerá por aí enquanto tiver hospedeiro disponível. O isolamento protege pessoas, achata a curva de contaminação, evita que o sistema de saúde fique congestionado, mas não mata o inimigo invisível, que se espalha ao menor sinal de aglomeração.

Talvez a grande aposta dos países tenha mesmo a ver com os projetos de vacina em andamento. Dá para imaginar o G-20 reunido com os principais cientistas do mundo para a discussão de um ponto crucial:

– Quanto tempo vocês precisam para disponibilizar uma vacina?

- Um ano.
- É muito.
- Com sorte, até dezembro deste ano.

– Então manteremos o confinamento até lá.

No plano racional, ou da razoabilidade, é o único cenário que poderia unir um calendário factível a um mecanismo de solução do problema. Descoberta a vacina, quebra-se a patente, ou cada país paga royalties aos criadores, e passa-se à produção imediata em escala mundial: quase oito bilhões de doses. Será que os vacinados, por terem dinheiro, ousariam excluir os menos afortunados por não sentir mais medo da contaminação? A Organização Mundial da Saúde assegura que ninguém ficará de fora. Só vai acabar quando essa promessa for cumprida. A OMS, contudo, não tem poder para cumprir promessas.

Uma projeção realista passa pela produção de uma vacina em tempo recorde, o que pode ser irrealista. Etapas estão sendo queimadas, regras de controle, afrouxadas, o ritmo acelerado ganha fôlego. Se a hipótese otimista se confirmar, fim deste ano, quantas vidas se perderão ainda até lá? Como esperar a vacina em segurança? Voltamos ao ponto de partida: em isolamento social. Os países têm recursos para sustentar um confinamento por mais sete meses? Em regime de cooperação internacional, em escala inédita, certamente. Esforço de guerra. Terão os governantes vontade de empenhar-se em tal grau de comprometimento?

Se houver uma segunda onda de contaminação em nações que achataram a curva e reabriram, não restará alternativa. Será preciso fechar e esperar algo concreto que permita o retorno. Parece que o melhor a fazer atualmente é despejar dinheiro nos laboratórios que pesquisam vacinas e monitorar diariamente os seus desempenhos. Além, obviamente, de melhorar a rede de assistência. Sem confinamento, com o vírus circulando, dificilmente se terá leitos hospitalares para todos os infectados. Só vai acabar quando acabar. Antes disso, tudo é risco.

Quem acompanha a veiculação de peças publicitárias na imprensa vê que as instituições financeiras estão se mostrando muito sensibilizadas com a recessão que tomou conta do país em face do advento do coronavírus. Então se veem pessoas e empreendedores dando seus depoimentos e ratificando as medidas tomadas como benéficas para suas finanças, como uma ajuda bem-vinda e necessária. Dessa forma, reforça-se nos leitores e nos espectadores uma concepção de que existe uma solidariedade efetiva que permite um suporte aos clientes para enfrentar um cenário marcado por uma força maior que desarticula a economia nacional.

Decerto que esses casos apresentados tem ve-

rossimilhança e devem corresponder a um grupo beneficiado por medidas concretas do segmento bancário, que é o que mais detém recursos no país e possui, historicamente, alentada lucratividade. Todavia, não são poucos os pequenos e médios empresários que têm se queixado de que não estão conseguindo ser atendidos pelo setor em suas demandas de crédito para pagar a folha e para empregar como capital de giro, essencial para sua sobrevivência no mercado. Somente o crédito em condições compatíveis com o momento que estamos vivendo poderá ser usado de forma útil e profícua para dar uma perspectiva de manutenção de empresas e de empregos a partir de investimentos reais e liberados de forma célere.

CHARGE

Tacho



ARTIGO

Vitalina Gonçalves

As máscaras da covardia

O confinamento para combater a expansão da Covid-19 revela o que pesquisas oficiais denunciam há quase 30 anos. A casa para milhares de mulheres é lugar de risco e sofrimento. Para essas mulheres, ficar em casa significa isolar-se com o próprio agressor. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública do ano passado, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas, 22 milhões sofreram algum tipo de assédio, uma mulher é estuprada a cada nove minutos e três são vítimas de feminicídio a cada 24 horas. Informações das polícias militares estão mostrando que, durante a pandemia, esses crimes cresceram cruelmente. O mais angustiante é que o crescimento da violência doméstica durante a pandemia atinge as mulheres de boa parte do mundo.

O fechamento de creches, escolas e as dificuldades para manter as redes de amparo sobrecarregam muito mais as mulheres. A pandemia também redobra os cuidados com a saúde da família, adicionando mais peso nos ombros das mulheres. Além disso, como não existe equilíbrio na divisão das tarefas domésticas, a jornada

de trabalho das mulheres tem se estendido insustentavelmente.

Além da violência doméstica, as mulheres são discriminadas por ocuparem postos de trabalho mais frágeis, precários e com menor rendimento. Com a pandemia, esses vínculos são rompidos e as mulheres estão sendo jogadas mais rapidamente no desemprego. A perda da renda acaba sendo uma fonte de conflitos, que facilmente se transformam em violência. O fato é que o medo do contágio, a violência em ambiente de isolamento social e o machismo estrutural da sociedade brasileira transformam a vida das mulheres em uma verdadeira via crucis.

É preciso mais investimentos em políticas públicas específicas, que socorram as mulheres mais vulneráveis, campanhas educativas, diversificação dos canais de denúncia, celeridade judicial e publicização dos dados de violência. Temos também que fortalecer os laços de solidariedade, acolhida e escuta entre nós, mulheres. A sociedade não pode ser cúmplice com aqueles que utilizam as máscaras da pandemia para esconder seus crimes e sua covardia.

Professora e secretária-geral da CUT-RS

Os artigos publicados com assinatura nesta página não traduzem necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores. Podem ser enviados para o e-mail opinioao@correiodopovo.com.br. As cartas para o Correio do Leitor, com assinatura, endereço, número da identidade e telefone de contato para confirmação deverão ser enviadas para a Diretoria de Redação do Correio do Povo, na rua Caldas Junior, 219, CEP 90019-900, ou pelo e-mail doleitor@correiodopovo.com.br. Por razões de clareza ou espaço, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

DO LEITOR

Renato Panattieri

doleitor@correiodopovo.com.br

Medo

No passado, até não muito distante, surgia a notícia de que, em algum lugar, ocorria determinada doença. Todos nós nos colocávamos a pensar, pensar e se instalava o medo. Não se sabia, com detalhes, o que fazer em chegando aonde estávamos. Era o medo resultante da escassez de informações. Hoje, tendo o maldito coronavírus se alastrando, ganhando todos os espaços no planeta, somos abastecidos de informações. Instala-se o medo, não há como ignorar, fruto do excesso de informações. Quer dizer, a evolução humana, por ironia, ora gera preocupação por desconhecimento e ora por abundância de conhecimento. Cabe-nos, acreditando na ciência e confiando, sobretudo, no Criador, ainda mais que patologia desconhecida, aceitar o medo como sinalizador do melhor caminho a ser percorrido. De sorte, pois, que há dois tipos de medo, um que nos leva a adotar os procedimentos adequados para superação das adversidades e outro completamente inútil, inaceitável, que nos acovarda. Desafios mais ou menos pesados fazem parte da nossa trajetória. Nascermos para vencê-los.

Jorge Lisbôa Goelzer, Erechim

Prioridade

Historicamente, o governo tem divulgado que não tem dinheiro para socorrer a camada pobre da sociedade, incluindo, nesse socorro, a saúde pública. Infelizmente, veio esse infame coronavírus e desmentiu tudo. Tem dinheiro para socorrer os pobres e equipar a saúde. O governo demonstrou contrariedade, muita má vontade e muitos ranços, mas está atendendo. Era só uma questão de prioridade. Primeiro as pessoas, depois o bezerro de ouro.

Júlio Pedro Querotti, Porto Alegre

Grandes orçamentos

Se tem algo que me incomoda ao ler as notícias dos jornais é perceber que na luta para se manter no cargo, evitando um processo de impeachment, o presidente se aproxima do Centrão oferecendo cargos e funções. Até aí tudo bem. O que causa espanto é que se fale em ministérios ou empresas com grandes orçamentos que são os mais boquiçados. A impressão é ruim porque parece que são, teoricamente, mais atraentes para desviar ou fazer politicagem.

Décio A. Damim, Porto Alegre

GRUPO RECORD RS
PRESIDENTE: Carlos Alves | presidencia@gruporecordrs.com.br

CORREIO DO POVO

FUNDADO EM 1º DE OUTUBRO DE 1895
EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JUNIOR

DIRETOR PRESIDENTE: Sidney Costa | scosta@correiodopovo.com.br
DIRETOR ADMINISTRATIVO: Claudinei Girotti | cgirotti@correiodopovo.com.br
DIRETOR DE REDAÇÃO: Telmo Ricardo Borges Flor | telmo@correiodopovo.com.br
DIRETOR COMERCIAL: João Müller | jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600
atendimento@correiodopovo.com.br

REDAÇÃO
Rua Caldas Junior, 219
Porto Alegre, RS, CEP 90019-900
Fone: (51) 3215-6111



FILIADO: ANJ

O atendimento presencial aos assinantes em nossa sede está temporariamente suspenso em decorrência das medidas de enfrentamento ao coronavírus. Use os canais acima.

COMERCIAL
Atendimento às Agências
Fone (51) 3215.6169

Teleatendimentos
Fone (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br

OPEC
Operação Comercial
Fone (51) 3215-6101, ramais 6172 e 6173
opce@correiodopovo.com.br

Impresso simultaneamente nos parques gráficos de Porto Alegre e Carazinho

VENDA DE ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606

Modalidade	Capital-POA	Interior R\$/SC/PR
Digital (mensal)	R\$ 34,90	R\$ 34,90
Imp. Sáb./Dom.	R\$ 46,90	R\$ 48,90
Imp. Sáb. a Sex.	R\$ 62,90	R\$ 64,90
Imp. Sáb. a Dom.	R\$ 72,90	R\$ 74,90

VENDA AVULSA
Capital-POA: R\$ 2,50
Interior/RS, SC e PR: R\$ 3,00
Demais Estados: R\$ 5,00 mais frete